

## EDITORIAL

### REVISTA PRÁTICA eLEARNING N.º 3

Num ano assinalado por contextos inimagináveis e cenários disruptivos que enformam os nossos dias de incerteza e imprevisibilidade (mas também de entusiasmo e oportunidades de explorar ambientes educativos inauditos), a mediação tecnológica tornou-se abruptamente obrigatória e omnipresente. Enquanto Professores e Investigadores, mergulhamos - sem alternativa - no que alguns já designaram um *Ensino Remoto de Emergência*, vivenciando um ambiente virtual de aprendizagem improvisado e redesenhando, da forma possível, um modelo de pedagógico que deixou de funcionar num *aqui e agora* e passou a existir *em qualquer altura e em qualquer lado*. Por sua vez, Bolonha, que parecia já uma esquecida e datada declaração, voltou a ser evocação recorrente no discurso do Ensino Superior, pela urgência de promover a autorregulação e a autonomia nos Estudantes da *Era Pandémica*, assim como pela necessidade de reconceptualizar o significado de *horas de contato* e de promover a *flexibilização de aprendizagens*.

Este é um ano em que termos e conceitos que conviviam no socioleto restrito dos Investigadores e entusiastas de diferentes modelos de aprendizagem potenciada por tecnologias passaram a integrar o mapeamento mental dos Professores, as práticas diárias de ensino e aprendizagem e a prolífica documentação oficial de carácter normativo e recomendativo que passou a regular o nosso trabalho. *Ensino a distância, aprendizagem online, ferramentas síncronas e assíncronas* passaram a ser parte de uma *easy take away solution* que Norberg (2014) estaria longe de antever assim concretizada.

Sendo certo que não há conhecimento sem terminologia, a urgência de *pôr em prática*, sem tempo para refletir, leva a não raras utilizações superficiais e, por vezes, até subvertidas, do domínio de especialidade que constitui o Ensino a Distância.

O novo ano académico já se iniciou. Por ora, voltamos à presença, à soberania da sala da nossa aula, mas não do mesmo modo como conhecemos, no passado, esta territorialidade. Emergem novas designações como a de *Ensino Presencial Misto*. Que ensino é este? Um regime semi-presencial? Um *e-learning* enriquecido por momentos presenciais? Um ensino de matriz presencial enriquecido por *e-learning*? Não se trata, agora, de um modelo aspiracional, ou de uma opção ideológica, mas de uma *segunda vaga experimental* forçada pelo contexto societal imposto.

Neste extraordinário ano de 2020, iremos experimentar três cenários educativos com desafios não despreciandos: Ensino Presencial, *Ensino Remoto de Emergência* e, agora, o que se poderá designar *Blended Learning de Emergência*. E é neste quadro de incerteza que publicações académicas como a *Prática e-Learning* aumentam a relevância da sua existência, constituindo-se um espaço virtual de partilha de experiências pedagógicas que conciliam tecnologia e aprendizagem.

No seu terceiro ano de vida, a *Prática e-Learning*, reflete a crescente dinâmica de investigação orientada para a condução de estudos exploratórios em diferentes níveis de ensino. Este número reúne contributos conceptuais e estudos empíricos focados em partilhar teorias e práticas que melhorem os processos de aprendizagem mediados e potenciados por tecnologias.

O primeiro estudo intitula-se *COM ON project: adventure to unleash your potential for (audio)visual communication!* São apresentados os resultados descritivos obtidos a partir de um teste piloto, no qual foram avaliadas as expectativas e perceções dos participantes sobre o um curso *online*, no âmbito da Comunicação Audiovisual.

O segundo e terceiro estudos foram conduzidos no âmbito do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, abordando aspetos metodológicos relativos à construção de objetos de aprendizagem e avaliando o impacto do consumo da rádio e dos *podcasts* na aprendizagem.

O quarto estudo intitula-se *Avaliação do impacto de uma aplicação móvel no conhecimento acerca dos Anti-Hipertensores, tendo* como objetivo refletir sobre a aquisição e/ou consolidação do conhecimento promovida por uma aplicação móvel, no contexto de uma Licenciatura em Farmácia.

Por último, o quinto estudo *Cinema como suporte para aprendizagens distribuídas – Proposta de formação de professores* são exploradas as virtualidades de produtos cinematográficos como meio para a aprendizagem de conteúdos transversais, cognitivos e emocionais.

Entramos, sem *casting*, guião ou realizador, no *Brave New World*, que Huxley (1946) havia profetizado. Utopia ou distopia? Não sabemos ainda. Sabemos sim que nesta caminhada, por vezes inóspita, pelo espaço real e digital do *Admirável Mundo Novo* não estamos sós no desejo de compreender, aprender e de partilhar.

Boas Leituras!

Joana Castro Fernandes, PhD  
Professor Adjunto ISCAP | P.PORTO  
Membro da Comissão Editorial da Revista PeL